

Só mais um episódio: as potencialidades do uso dos podcasts para a abordagem de práticas digitais neomedievais em sala de aula

Gabriella CARVALHO MOTTA¹

Resumo: O conceito de Idade Média, convencionado pelos franceses, foi e continua sendo fonte de debates. O presente artigo tem como objetivo abordar essa questão, mas com uma lente de análise ampliada. Com a ascensão das mídias digitais e da *internet*, a Idade Média passou a ser debatida em novos espaços e adquiriu contornos singulares, a tal ponto que o conceito francês já não é suficiente para abarcar as demandas de produções compartilhadas do universo digital. Diante disso, o conceito de neomedievalismo apresenta-se como o mais adequado para analisarmos as representações da Idade Média nos diversos suportes digitais, tendo relação ou não com o período histórico. Assim, somos levados a dialogar com dois outros conceitos que tratam das publicações historiográficas em ambientes variados: a História Pública e a História Digital. Dentre esses, selecionamos o ambiente escolar para questionar: como as práticas digitais podem se tornar ferramentas para o Ensino de História? Para responder a essa questão, escolhemos dois *podcasts*, o “Medievalíssimo” e os “Estudos Medievais”, produzidos pela comunidade historiadora, com linguagem acessível e embasamento histórico-científico. Nesse sentido, nossa proposta é levantar discussões teóricas e sugerir abordagens para o uso de *podcasts* como ferramenta de ensino nas aulas de História na Educação Básica.

Palavras-chave: *Podcasts*, neomedievalismo e história pública e digital.

¹Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora e historiadora pela Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. MG. Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3691720647697582>. E-mail: mottagabriella91@gmail.com.

Just one more episode: the potential of using podcasts to approach neomedieval digital practices in the classroom

Abstract: The concept of Middle Ages, agreed by the French, has been and continues to be a source of debate. The aim of this article is to address this issue, but through a wider lens of analysis. With the rise of digital media and the internet, the Middle Ages have come to be debated in new spaces and have acquired unique contours, to such an extent that the French concept is no longer sufficient to cover the demands of shared productions of the digital universe. That said, the concept of neomedievalism is the most appropriate for analyzing representations of the Middle Ages in various digital media, whether or not they are related to the historical period. Thus, we are led to dialog with two other concepts that deal with historiographical publications in different environments: Public History and Digital History. Among these, we selected the school environment to ask: how can digital practices become tools for Teaching History? To answer this question, we chose two podcasts, "Medievalíssimo" and "Estudos Medievais", produced by the historian community, with accessible language and a historical-scientific basis. In this sense, our proposal is to raise theoretical discussions and suggest approaches to the use of podcasts as a powerful teaching tool in History classes in Basic Education.

Keywords: Podcasts, neomedievalism and history digital and public.

INTRODUÇÃO

Ao escutarmos as palavras magia, fantasia, castelos, guerreiros, príncipes e princesas, construímos automaticamente em nosso imaginário uma série de imagens relacionadas a essas figuras, que chamaremos aqui como mágicas e potencialmente influenciadas pelas produções midiáticas. A indústria cinematográfica, os produtores de jogos eletrônicos, canais e perfis de mídias digitais utilizam esses elementos encantadores para atrair e engajar públicos de todas as idades, incentivando o consumo desse universo encantador. Esses elementos fazem alusão a um período da História: a chamada Idade Média, convencionada pelos franceses no alvorecer do renascimento com a marcação cronológica do século V ao século XV.

Podemos observar a exploração destes elementos encantadores, por exemplo, nas animações da Disney, como em “A Bela Adormecida” (1959) e em “Valente” (2012). O perfil do *Instagram*, “Barbaridades Medievais” analisou ambas as produções e observaram que estas abordam o universo medieval e questões pertinentes a ele, como casamentos, princesas, feiticeiras, castelos e outros. Entretanto, destacam que a princesa da década de 1950, aguardava ansiosamente por seu príncipe encantado. Príncipe este que era um nobre e uma possibilidade de formar ou fortalecer alianças políticas e militares (Barbaridades Medievais, 2021). Já Merida retrata uma menina que não se dedica a atividades do ambiente doméstico, pelo contrário, é a melhor no arco e flecha. Apesar de toda coragem, assim como na animação da princesa Aurora, Merida também é vista pela família como um meio de criar alianças através do casamento (Barbaridades Medievais, 2021). A mudança de perspectiva de uma animação para outra está justamente na ótica sobre o universo feminino, a princesa Merida não deseja um casamento, pelo contrário, é uma menina inteligente, forte, perspicaz e capaz de realizar atividades que vão além do ambiente doméstico. Ela não é uma princesa do medievo, na verdade, aproxima-se dos anseios das mulheres do tempo presente.

O entendimento do conceito de Idade Média histórica abarcaria as populações que vivenciaram o período no tempo e no espaço estabelecidos pelos franceses, ou seja, principalmente os europeus. Com o avanço das pesquisas historiográficas sobre o período, a comunidade historiadora interessada nos assuntos medievais compreende que

diversos povos, como africanos e asiáticos, também vivenciaram contextos medievais. No artigo “Reinos de Negros na Idade Média: A África Subsaariana no Medievo”, o historiador Wellington da Silva aborda a perspectiva da África Negra Medieval localizada na região da África Subsaariana e, mais especificamente, três grandes reinos que se desenvolveram nesta região. Um destes reinos foi o de Gana que, nos séculos IX e X, esbanjava prosperidade. Localizado em uma região entre dois rios, o reino de Gana desenvolveu atividades econômicas agrícolas, pecuária, e, de comércio realizado por meio dos camelos que cruzavam durante semanas e até meses o deserto. (Silva, 2008, p. 6-7)

Os japoneses também experimentaram um medievo com mudanças políticas e culturais quando os samurais assumiram o controle político que até meados do século XII estava sobre o controle da nobreza. Em o “‘O Caminho do Guerreiro’ no Japão Medieval”, a historiadora Angélica Alencar menciona a existência de um Japão Medieval marcado pela ascensão de guerreiros, conhecidos como samurais, que durante séculos serviram aos clãs de origem nobre (Alencar, 2008, p. 1). Entretanto, conforme aponta a autora, esta servidão se transformou em controle político na batalha no estreito de Dannoura, em 1185. Ao estabelecerem um governo militar, estabeleceram relações de suserania e vassalagem, além também de instaurarem órgãos responsáveis por controlarem assuntos relacionados à segurança militar, administração e questões de justiça (Alencar, 2008, pp. 2-5). Diante desta diversidade de Idades Médias e com os fenômenos de reavivamento e usos de elementos ligados à Idade Média histórica no tempo presente, o conceito francês já não é mais suficiente para dar tratamento às demandas atuais, principalmente com as imagens sobre o período compartilhadas no ambiente digital.

Buscando compreender os usos e os elementos atrelados às imagens construídas sobre a Idade Média histórica, o conceito de Neomedievalismo se torna uma potente ferramenta teórica de compreensão destas demandas. Ele é entendido aqui como as produções, criações, imagens, plataformas e temáticas que tenham ou não relação com o período da Idade Média no tempo presente, sendo impulsionados, principalmente, pelos recursos digitais. Para uma análise mais profunda e interessada em compreender estas dinâmicas medievais, torna-se necessário recorrer também a outras ferramentas de

ordem prático-metodológica enquanto arte-ciência, quais sejam, a História Pública e a História Digital.

Ao decorrer de nossa escrita, teremos oportunidade de nos debruçarmos sobre discussões acerca da historicidade conceitual da História Pública e da História Digital, compreendida por nós como campos práticos de uma perspectiva histórica combativa que entremeiam os mais diversos ambientes, não se restringindo apenas ao espaço acadêmico. Em outras palavras, trata-se de formas de comunicar a História para os mais diversos públicos, limitados pelas ferramentas e dimensões do espaço compartilhado, mas sem abandonar metodologias de pesquisa científica próprias da comunidade historiadora. Ao mesmo tempo, de certa forma, nos tornamos vulneráveis a produções estapafúrdias daqueles que não se preocupam com uma ciência dos fatos, mas sim de opiniões. Ponto este a ser discutido em outra oportunidade.

Para atrelarmos as áreas de discussão neomedievais e da História Pública e Digital, selecionamos como fontes os *podcasts* hospedados na plataforma *Spotify*, especificamente “Estudos Medievais” e “Medievalíssimo”. A escolha destes produtores foi pautada na qualidade do trabalho histórico-científico realizado, respectivamente, pelo Laboratório de Estudos Medievais da Universidade de São Paulo (LEME/USP) e pelo historiador e *podcaster* Bruno Rosa. Ao escutarmos os episódios publicados no período de março de 2021 a março de 2022, percebemos o compromisso dos produtores em praticar, no ambiente digital, a perspectiva de uma História combativa. Além disso, notamos o esforço de tecer redes de conhecimento que valorizam as pesquisas realizadas por historiadores sobre temas relacionados às medievalidades. Nesta oportunidade, ainda discutiremos sobre a historicidade dos *podcasts* e sobre a entrevista realizada com os produtores. Por meio dessa entrevista, pudemos conhecer mais sobre o surgimento e produção de nossas fontes, além de dialogarmos sobre os entendimentos do conceito de Neomedievalismo e os usos da temática no tempo presente.

No ano de 2023, por meio do Decreto nº 11.173 e do inciso XII, incluído pela Lei nº 14.533/2023, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) passou a considerar como princípio do Direito à Educação e do Dever de Educar o acesso à educação digital. Dentre suas competências, está incluído o letramento digital de jovens e adultos. Isso significa que não basta que este público da Educação Básica tenha acesso

à internet ou a dispositivos móveis nas palmas de suas mãos, é preciso saber usá-los, dominando técnicas e ferramentas, mas, principalmente, sabendo manejar informações de qualidade que estão sendo constantemente atualizadas através das mais diversas plataformas. Buscamos contribuir, neste sentido, oferecendo como proposta de abordagem o uso e a produção de *podcasts* por jovens, preferencialmente que estejam estudando nos sextos anos do Ensino Fundamental II, sobre a temática neomedieval à luz de nossas fontes.

Assim, nosso principal objetivo é contribuir para as discussões das temáticas neomedievais, conectando teoria e prática no âmbito de uma História Pública e Digital, através da mídia digital *Spotify*. Para isso, recorreremos à análise de fontes que estão preocupadas e dedicadas em produzir conteúdos relacionados a medievalidade e ao reavivamento da temática neomedieval no tempo presente. Além disso, valorizamos o trabalho realizado pelos produtores de nossas fontes, que conciliam as mais diversas demandas de seu cotidiano, sejam elas pessoais ou acadêmicas, com uma produção audível de qualidade, que pode e deve ser utilizada como ferramenta de ensino nas mais diversas instâncias da Educação Brasileira, desde a Educação Básica até a Academia.

LUPA HISTÓRICA: A HISTORICIDADE DOS CONCEITOS DIGITAIS

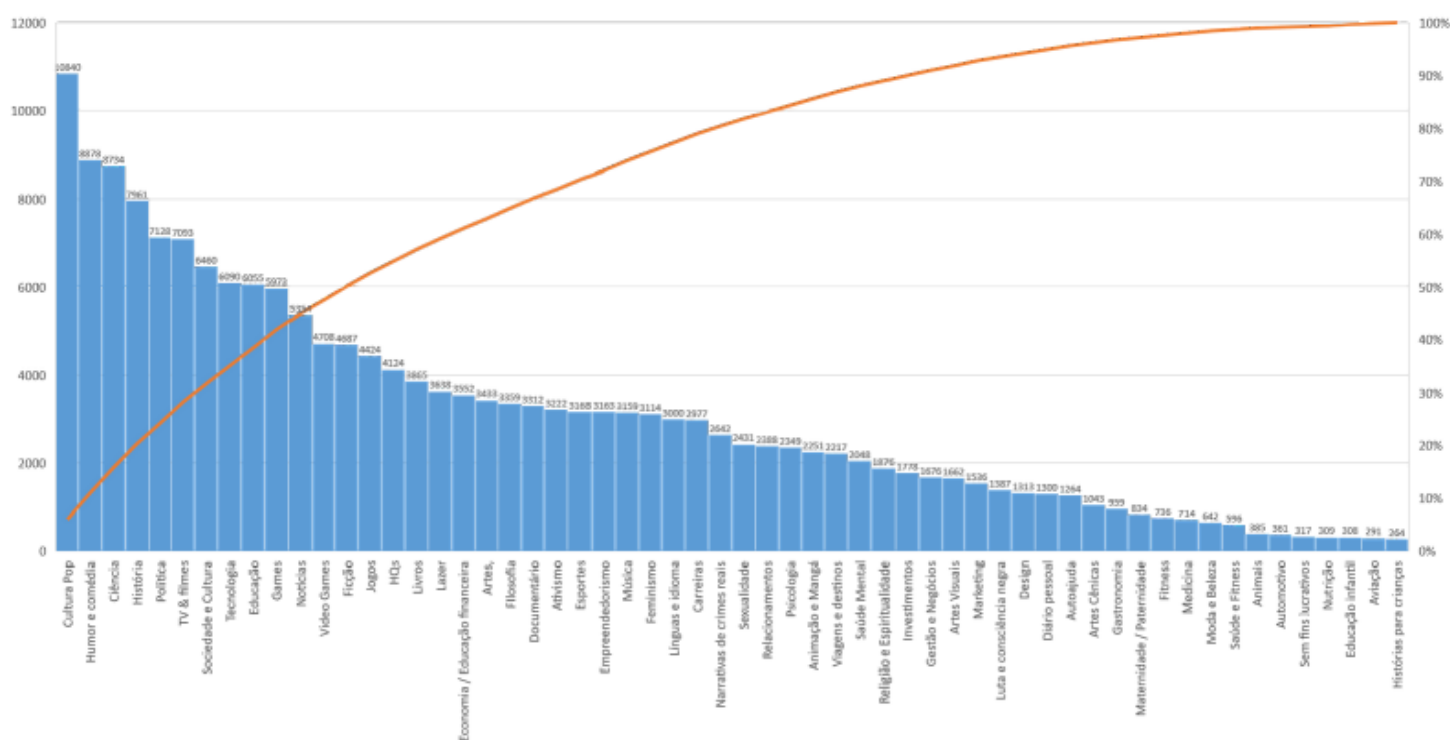
O surgimento de novas possibilidades de abordagem da História para além do espaço acadêmico provocou novas demandas para debate tanto de ordem prática quanto teórica. Com isso, questões que, embora não sejam tão recentes, precisaram ter suas respostas reformuladas, como no caso da indagação: para que serve a História? A essa questão, que ainda não recebeu e dificilmente receberá uma resposta única e pragmática, poderíamos acrescentar outras, como: quais as ações desenvolvidas pela comunidade historiadora e os métodos adotados em suas pesquisas? As respostas a essas perguntas irão variar de acordo com os objetos de pesquisa e as lupas metodológicas utilizadas para dar luz as análises empreendidas.

Ao lidar com fontes produzidas e compartilhadas no ambiente digital, precisamos mobilizar conceitos e ferramentas de análise que agregam novas demandas, mas não abandonam velhos hábitos. Dentre as permanências, continuamos interessados em discutir sobre o fazer histórico e o que está produzindo a historiografia, ou seja, nossas fontes são produzidas por aqueles que já tem contato e formação com a

disciplina e ciência histórica, principalmente por meio de sua atuação enquanto historiadores e professores. Além dessa dimensão, nos interessa também o conteúdo por eles produzidos e onde estão hospedados, no caso, no universo digital dos *podcasts*.

Os *podcasts* são, basicamente, “arquivos de áudio que tratam de temas diversos e são disponibilizados na rede. [...] Além de seu fácil acesso [...] (os) usuários (têm) maior liberdade de escolha em relação ao conteúdo” (Lima; Picanço, 2020, p. 8). E, dentre os conteúdos selecionados pelos ouvintes da *podosfera*, definida como o universo de ouvintes de *podcasts*, a História se encontra na quarta posição entre os interesses e as preferências temáticas, abaixo da Cultura Pop; Humor e Comédia e Cinema (Gráfico 1). Este dado foi coletado pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD) através da PodPesquisa 2019 que recebeu mais de 16.700 respostas válidas por meio do formulário digital, disponibilizado no período de 21/10/2019 a 15/12/2019. Até o ano de 2023, os dados estavam disponíveis para acesso por meio da plataforma digital, entretanto, a página da Associação foi recentemente desconectada.

Gráfico 1 – Interesses e preferências temáticas



Fonte: Podpesquisa 2019²

Dentre o extenso universo de temáticas que podem ser abordadas pela História, encontramos aqueles canais de *podcast* que se debruçam sobre a temática medieval. Para analisarmos nossas fontes, precisamos em um primeiro momento mobilizar dois conceitos que podem gerar tensões de compreensão sobre o medievo e o que compreendemos como medievo. As medievalidades, ou Idade Média Histórica, referem-se ao período histórico vivenciado, principalmente, por europeus, africanos e povos orientais, entre os séculos V e XV.

Por isso, de forma isolada, esses conceitos já não são suficientes para tratar os processos de reavivamento da temática medieval no tempo presente, seja por meio de mídias digitais, como os *podcasts*, seja através de jogos eletrônicos ou séries. Assim, coadunamos da proposta abordada pelos autores Nádia Atschul e Lukas Grzybowski, que consideram mais adequado o uso do conceito neomedieval para darmos tratamento a estas produções compartilhadas, difundidas e criadas, sobretudo por meio de recursos digitais e eletrônicos, relacionadas ou não ao período histórico mencionado:

[...]a academia anglófona têm se esforçado para manter o termo medievalismo intacto, referindo-se a produções que mantêm vínculos com “a verdadeira Idade Média”, enquanto ela, finalmente, inclina-se ao uso do termo neomedievalismo para aquelas produções mais desligadas do período histórico e que mostram um distanciamento lúdico em relação a este passado.[...] o medievalismo entraria em diálogo com a Idade Média cronológica e seus elementos históricos, enquanto o neomedievalismo mostraria maior desconexão com estes, vinculando-se com produções que apenas produzem o “sentimento” do medieval (Atschul; Grzybowski, 2020, p. 29).

O Neomedievalismo é entendido por nós como publicações, produções e temáticas circulantes nos ambientes digitais, atrelados ou não a Idade Média Histórica, e pode receber um tratamento analítico da perspectiva historiográfica. Para isso, precisa ser atrelado a História Pública a partir de uma perspectiva prática e combativa da História e, principalmente, ser debatida pela comunidade historiadora nos mais diversos

²Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD). PodPesquisa 2019 (2019-2020) – Análise e resultados. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa-2019/>. Acesso em: 13/05/2025.

espaços. No episódio 41, o *podcast* Estudos Medievais recebeu como convidados os professores e também *podcasters* do “História Pirata”, Daniel Carvalho, da Universidade de São Paulo, e Rafael Verdasca, do Cursinho Poliedro, para debaterem questões pertinentes ao assunto. Nesta oportunidade, Verdasca compreende que um dos vieses da História Pública é a prática de um educação histórica contínua, produzida dentro da sala de aula. Por isso, acredita que não é preciso se abster do método e da teoria (Carvalho; Verdasca, 2024).

Carvalho soma a proposta de Verdasca ao fazer uma breve análise do surgimento da História Pública. De acordo com Carvalho, a História Pública enquanto prática é antiga, principalmente em conexão com usos políticos, mas enquanto campo e conceito é recente. Seu surgimento se deu em terras norte-americanas na década de 1970 com Robert Kelley, da Universidade de Santa Bárbara, em meio a um contexto econômico de crise, em que a comunidade historiadora³ precisava atuar em outros campos de trabalho. Nesse sentido, Carvalho observa que Kelley propõe dois sentidos para a História Pública: um enquanto campo de atuação, outro como debate com questões colocadas pelo público:

O Robert Kelley nesse texto ele dá duas definições para História Pública [...] primeira definição que ele dá é a seguinte ele fala ó em seu sentido mais elementar História Pública se refere a atuação dos historiadores e ao emprego do método histórico [...] fora da academia [...] os historiadores públicos estariam em ação [...]. Agora no mesmo texto ele apresenta uma outra definição de História Pública que é bem interessante [...] nós historiadores na Universidade a gente responde a questões, a problemas, que nós mesmos colocamos [...] a questão é na História Pública quem propõe a questão a respeito da qual o historiador está buscando fornecer uma resposta, não somos nós, quem propõe esta questão é o público (Carvalho; Verdasca, 2024, 16m23s).

A questão da relação entre os públicos e a História Pública perpassa o território europeu e o brasileiro. Conforme apontam Marinna Tavares, Aliny Pranto e Maria Smatto no artigo “Narrativas docentes a partir de entrevistas públicas: uma estratégia de formação de professores”, os historiadores europeus buscavam maior interação com o público. No Brasil, a Rede Brasileira de História Pública foi criada no ano de 2012 e

³ O termo comunidade historiadora faz alusão aos pesquisadores da área de História ligados a outras atividades laborais que não à docência, ao invés de apenas historiadores, demos preferência ao conceito abrangente no feminino.

tem demonstrado o interesse pela construção do conhecimento junto dos públicos, possibilitando maior acessibilidade e a expansão dos contextos abordados.

Já na Europa, esse movimento se desenvolve de uma forma diferente, apesar de o tema ter emergido mais recentemente, Cauvin (2016) argumenta que o continente já estava imerso em um movimento de interação entre historiadores e o público, compartilhando uma visão diferente da abordagem da história pública desenvolvida nos EUA. [...] Frisch (2016) destaca o papel que o Brasil vem desenvolvendo na história pública, afirmando que essa abordagem já está enraizada no país. Ele defende que a história pública feita no Brasil tem uma forte atuação na construção com o público, indo além de algumas perspectivas vivenciadas por ele em outros contextos, revelando seu potencial com os pesquisadores brasileiros. Nacionalmente, temos uma Rede Brasileira de História Pública, criada em 2012 e vem debatendo seus desafios no Brasil, bem como o primeiro mestrado em história pública, iniciado em 2019 na UNESPAR. Assim, observa-se que a história pública está se consolidando como uma abordagem para pesquisa e reflexão histórica, visando torná-la acessível e democrática (Costa Tavares; Pereira de Medeiros Pranto; Sucupira Stamatto, 2024, pp. 71-72).

As questões pertinentes colocadas pelo público de nossas fontes estão hospedadas em um ambiente específico. Por isso, recorreremos também ao conceito de História Digital para darmos tratamento metodológico de análise. Ao analisar a sociedade digital, José Barros destaca uma curiosa dialética: por um lado, ela oferece ao cidadão uma vasta quantidade de informações; por outro, o sufoca com a desinformação (Barros, 2022, p. 43). Como proposta de solução, ou ao menos uma tentativa de resolução desta problemática, é fundamental que, enquanto comunidade historiadora, nos tornemos internautas engajados (Barros, 2022, p. 85), oferecendo ao nosso público produções de qualidade que não abandonam tradições de pesquisa, mas agregam novos sentidos a elas.

Enquanto docentes atuando na Educação Básica, o público dos professores são os estudantes. Seriam, então, os professores historiadores públicos? Em uma pesquisa realizada com historiadores australianos ainda em formação, os autores Robert Parkes, Debra Donnelly e Heather Sharp ao pedirem para aqueles estudantes contarem a história da Austrália com suas próprias palavras, concluíram que a maioria deles mobilizaram discursos dominantes do passado australianos, o que é um fator preocupante. Os autores apontaram como uma possível solução a busca por uma

História Pública que mobiliza elementos além “dos sentimentos populares” (Parkes; Donnelly; Health, 2022, pp. 182; 191).

O papel da História e também das mobilizações dos professores(as) de História não devem se limitar a memorização de acontecimentos e personalidades do tempo passado, para isso, Augusta Taima, no capítulo “Finalidades en conflicto: las finalidades la enseñanza de la historia a la luz de la ciudadanía activa”, propõe repensar a forma como se ensina. Conforme aponta a autora, o ensino de História ao ser pautado na diversidade de identidades e de experiências possibilita aos estudantes se reconhecerem como sujeitos históricos (Taima, 2022, p.28).

La ciudadanía y la enseñanza de la historia han estado unidas por tradición. Primero, buscaban crear un relato homogéneo que uniera a los habitantes de la nación, proporcionando modelos de ciudadanos patriotas, y que promoviera el desarrollo de la identidad nacional. En el siglo XXI, con el reconocimiento de diversas identidades colectivas y afianzando la importancia de la identidad individual, este vínculo entre la ciudadanía y las finalidades de la historia escolar se replantea para enfatizar el desarrollo de la conciencia histórica, la experiencia del tiempo de los y las estudiantes reconociendo su pertenencia a un grupo con rasgos compartidos y una experiencia histórica que no necesariamente se refleja en la historia nacional homogénea. De esta manera, muchos jóvenes que pertenecen a sectores invisibilizados logran entenderse como sujetos históricos (Taima, 2022, pp.27-28).

Além da questão dos públicos, a História Digital também nos permite identificar a prática do ofício digital ao fenômeno chamado por Sergie Noiret de “virada digital”. No artigo “História Pública Digital”, o historiador aponta que as tecnologias digitais modificaram os próprios parâmetros de pesquisa, demandando uma relação transdisciplinar. E, mais precisamente, o advento da *Web 2.0* possibilitou a interação entre quem escreve e quem lê o trabalho, por isso, conforme estabelece Noiret, o historiador digital é aquele que coleta e gere cientificamente os novos arquivos (Noiret, 2015, pp. 33-36):

Para garantir o devido distanciamento no confronto com o passado, gerenciar essas coletas de documentos, “filtrar”, mediar, conectar comunidades e públicos diversos, encaminhar os novos conhecimentos sobre o passado por meio do potencial das tecnologias digitais, uma geração de novos historiadores, que podemos chamar “historiadores públicos digitais” (*digital public historians*), tornam-se os profissionais intermediários necessários para enquadrar cientificamente o trabalho de coleta de documentos e gerir criticamente novos arquivos “inventados” – que não existiam, isto é,

fisicamente –, trazidos para a rede graças às contribuições de todos (Noiret, 2015, p. 36).

Retomando o raciocínio proposto por Kelley, é essencial reconhecer as demandas, questões e temáticas que mais instigam e atraem os ouvintes de nossos *podcasts*. Durante a entrevista com os produtores, questionamos sobre essas demandas e, de acordo com o *podcast* “Estudos Medievais”, a demanda do público está atrelada a temas ligados a uma imagem de Idade Média conflituosa, sendo os episódios sobre as cruzadas e a inquisição os mais ouvidos. Já o *podcast* “Medievalíssimo” não comentou sobre as temáticas, mas afirmou que a escolha do assunto a ser trabalhado opta por ser aqueles que tem mais proximidade e interesse, como os usos e apropriações da Idade Média e as questões atreladas ao feminino, além de convidar e debater com especialistas no assunto, promovendo um conhecimento em rede que resultará na produção dos episódios. A próxima seção será dedicada a explanarmos sobre o surgimento dos *podcasts*, a trajetória de nossas fontes e a análise das temáticas que estão sendo por elas produzidas.

O QUE PRODUZEM OS HISTORIADORES DIGITAIS: OS *PODCASTS* COMO FONTE

Quando as comunidades das primeiras sociedades desejavam comunicar sua rotina ou atividades inovadoras, tratavam de registrar seus feitos cotidianos nas paredes das cavernas, utilizando os materiais disponíveis: tintas naturais e os dedos das mãos. Com o surgimento dos primeiros escritos da imprensa e a circulação de folhetins a partir do século XVI, as sociedades modernas passaram a se comunicar e transmitir informações por meio das redações dos jornais. No século XIX, o rádio e a televisão continuaram seguindo a mesma lógica de comunicação, ou seja, nem todos falavam, mas todos ouviam. A comunicação era feita diretamente do emissor para o ouvinte. Entretanto, com o advento da *Web 2.0* a forma com que as informações e os conteúdos circulam pelas humanidades digitais alterou sua rota. Aqueles que eram meros ouvintes, podem se tornar, através das mídias digitais, também produtores de conteúdo.

Já há discussões sendo abordadas sobre estarmos experimentando a *Web 3.0*. A diferença entre as três fases desde o surgimento da internet está na forma como as

informações circulam e como estão sendo produzidas. No seu alvorecer, a comunicação se dava no caminho do produtor para os usuários, o que limitava as relações e as próprias produções. Já a Web 2.0, perspectiva por nós abordada, possibilitou aos usuários também serem produtores, e se fortaleceu principalmente através de dispositivos móveis e das mídias digitais. No artigo, “A survey of blockchain, artificial intelligence, and edge computing for Web 3.0”, os autores Jianjun Zhu, Fan Li, Jinyuan Chen apontam que o conceito de Web 3.0 surgiu em 2014 e se refere ao desenvolvimento das inteligências artificiais, do *edge computing* edos *blockchain*. Segundo eles, o processo de descentralização desta nova fase permite maior segurança e privacidade se comparada a sua versão anterior:

Web 3.0 was first coined by Gavin Wood, co-founder of Ethereum, in 2014 as a way to minimize trust in a handful of private companies [16]. It represents a decentralized and fair Internet reconstructed using distributed technology, where users can control their data and identity. Web 3.0 is characterized as a “read-write-own” web that allows users to create, trade, and collaborate directly through a peer-to-peer (P2P) network, eliminating the need for third parties. This architecture enhances privacy and security by avoiding centralized data storage, which reduces the risk of data breaches (Zhu; Li; Chen, 2024, p. 5).

Em meio ao crescimento destas mídias digitais e da popularização da *internet*, encontramos os *podcasts*. Raone Souza identifica esta mídia como uma forma de comunicação pós-massiva que flexibiliza e liberta os usuários a terem acesso aos conteúdos que assim desejarem (Souza, 2016, p. 15). A principal diferença entre o rádio e os *podcasts* está no fato de que a invenção do século XIX é transmitida por ondas eletromagnéticas e, mais recentemente, os *podcasts* estão hospedados através de um *feed* em aplicativos disponíveis para acesso nas palmas de nossas mãos, por meio dos celulares:

O podcast só se diferencia do rádio na medida em que se encontra na internet e pode ser acessado a partir de um sistema de *interconexão* chamado de *feed*. Não somente o podcast, toda e qualquer mídia produzida pela internet como YouTube, Blogs, Vimeo, entre outros, exemplificam essa dinâmica interacionista da web (Souza, 2016, p. 28).

Ter acesso aos *podcasts* nas palmas de nossas mãos não significa, automaticamente, que as pessoas estão consumindo informação de qualidade. As facilidades produzidas pelo fenômeno da Web 2.0 nutriram fenômenos positivos e

negativos que precisam ser pontuados. Na medida em que a informação pode percorrer caminhos rápidos de transmissão, a desinformação também pode se reproduzir na mesma velocidade. As mídias digitais, em especial os *podcasts*, tornaram-se excelentes ferramentas para hospedar informações potentes para serem utilizadas na Educação Básica, inclusive como uma ferramenta de inclusão para aqueles estudantes com deficiência visual (Lima; Picanço, 2020, p.9). Mas, para que este movimento potente aconteça dentro das salas de aula, é necessário que a comunidade de professores esteja disponível para educar os estudantes, no sentido de reconhecerem a qualidade das informações consumidas e incentivarem o movimento enquanto produtores, como apontaremos na próxima seção.

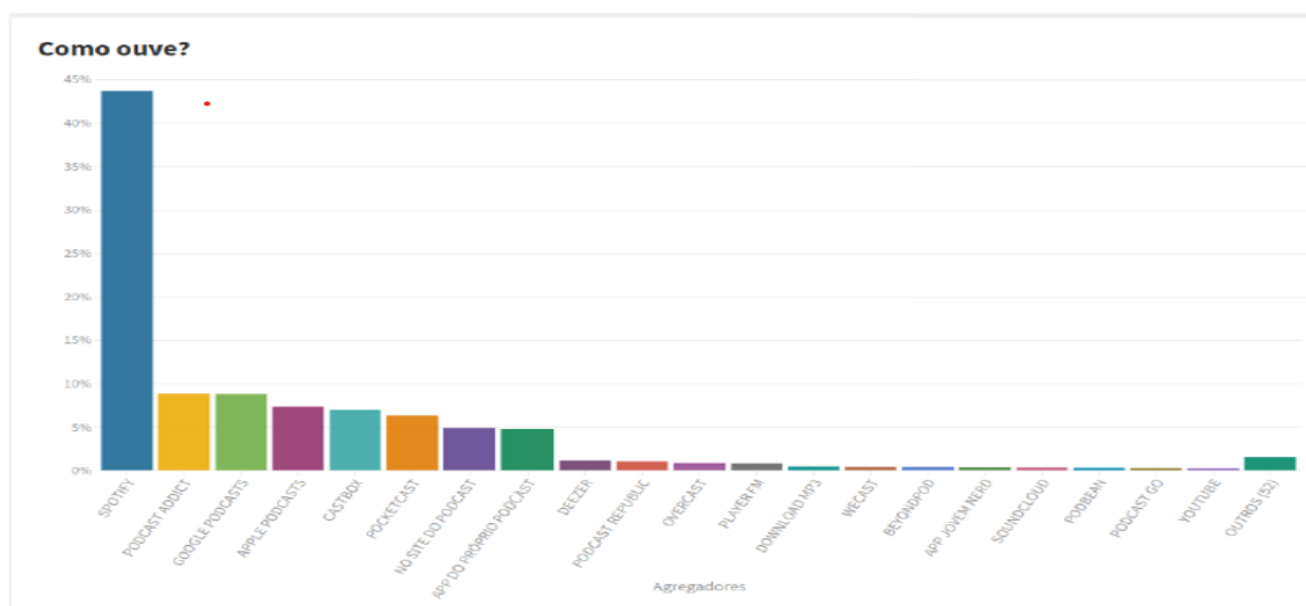
Para que este letramento das mídias digitais ocorra, no que tange os *podcasts* e a comunidade de historiadores, é necessário que os educadores naveguem no universo digital enquanto exploradores deste ambiente, reconhecendo as potencialidades, as fragilidades e as ferramentas de acesso para a produção. No “Guia de tecnologias digitais e ensino de História”, os autores Douglas Lima e Rosiângela Picanço (2020) fazem uma classificação didática sobre os *podcasts* de História em duas categorias: os “*podcasts* informativos”, produzidos por historiadores que não estão ligados diretamente a academia e; os “*podcasts* acadêmicos”, produzidos na academia e focados em um tema específico (Lima; Picanço, 2020, p. 9).

Nossa escrita tem como objetivo contribuir para que dentro das salas de aula os professores de História adotem uma postura histórica, prática e combativa, de qualidade com os estudantes. Por isso, selecionamos como fontes dois *podcasts* sobre o neomedievalismo, atrelados a História Pública-Digital, ou seja, nossos produtores adotam uma postura científica e metodológica, mas que se faz compreensível ao público mais amplo que consome temas concernentes ao que compreendemos como os neomedievalismos e aos usos da Idade Média no tempo presente. De acordo com a classificação dos autores Lima e Picanço, nossas fontes de discussão podem ser classificadas no quadro informativo o *podcast* “Medievalíssimo”, já os “Estudos Medievais” no quadro acadêmico.

Enquanto fonte de pesquisa e ferramenta para a Educação Básica, é necessário adotar uma abordagem que explore os aplicativos onde os *podcasts* estão hospedados,

ou seja, por onde eles circulam nas mídias digitais. Conforme o levantamento da Associação Brasileira de Podcasters, o *Spotify* encontra-se entre a plataforma preferida dos ouvintes de *podcasts* (Gráfico 2). É interessante proporcionar aos estudantes a oportunidade de explorar esse espaço e suas possibilidades, não apenas como um ambiente musical, mas, sobretudo, como um meio de circulação de informações. Após esta primeira ambientação, orientamos que realizem um levantamento sobre as temáticas abordadas a partir dos títulos, de preferência selecionarem um período específico. Para atender a essas demandas, em nossa análise das produções realizadas entre os anos de 2021 e 2021, percebemos que os produtores dialogaram na escolha de duas temáticas principais: o universo feminino e o incentivo à discussão sobre temas relacionados à História.

Gráfico 2 – Plataforma onde ouvem os *podcasts*



Fonte: Podpesquisa 2019⁴

No que tange ao universo de nossas fontes, os *podcasts* selecionados possuem estruturas e formas de fomento que merecem ser conhecidas, principalmente para que a

⁴ Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD). PodPesquisa 2019 (2019-2020) – Análise e resultados. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa-2019/>. Acesso em: 13/05/2025.

comunidade de professores de História possa apresentá-las em sala de aula como uma fonte histórica, de qualidade e produzida por especialistas da área. O *podcast* “Medievalíssimo” é organizado e produzido pelo professor e historiador Bruno Rosa, que concilia suas atividades docentes com as demandas do *podcast*. Já o *podcast* “Estudos Medievais” é vinculado ao Laboratório de Estudos Medievais da Universidade de São Paulo. Diferentemente do “Medievalíssimo”, a produção dos episódios é dividida entre pesquisadores e graduandos ligados à instituição, além de receber investimentos públicos das agências de fomento. Em entrevista com os produtores em agosto de 2023, percebemos que os roteiros dos episódios de ambos os produtores são construídos e compartilhados com os convidados, tecendo, assim, uma rede de conhecimento que amplifica a História Pública-Digital no universo dos *podcasts*.

Uma das formas de construir essas redes de conhecimento é valorizar as produções de pesquisadores do Brasil e, quando pertinente, do exterior, oferecendo espaço para que compartilhem suas pesquisas e dialoguem sobre questões relevantes. Essa função de valorização e diálogo é desempenhada com excelência pelo *podcast* “Medievalíssimo”, que oferece um ambiente para as humanidades digitais para que, principalmente mulheres, discutam seus trabalhos e abordem a temática feminina no contexto neomedieval. Como exemplo, cito o episódio 19, em que uma das convidadas, Beatriz Breviglieri, especialista na área de estudo sobre as mulheres na Inglaterra do século XV, demonstra que os papéis desempenhados pelas mulheres não estavam restritos a corte inglesa, mas influenciavam na literatura, na política e até na espiritualidade (Medievalíssimo, 2021).

Em um breve levantamento em nossas fontes, nos episódios publicados no ano de 2021 que totalizaram 48 no *podcast* “Medievalíssimo” e 13 no “Estudos Medievais”, filtramos aqueles que falavam sobre o feminino ou eram pesquisadora mulheres, guerras, reis e religiosidades. Encontramos também aqueles que abordavam outras medievalidades, como os debates sobre a Idade Média no tempo presente, a representação da animalidade e outros. Buscando contrastar a presença do feminino a outras temáticas recorrentes atreladas a Idade Média, obtemos 10 publicações no *podcast* “Medievalíssimo” dentre as 48 (Gráfico 3), e 4 publicações no *podcast* “Estudos Medievais” (Gráfico 4). Apesar de encontrarmos uma maioria de temáticas

ligadas a outras medievalidades, podemos perceber que as produções sobre o feminino e feitas por mulheres pesquisadoras são maiores do que aquelas que focam nos reis e nas figuras masculinas.

Gráfico 3 – Levantamento de temáticas abordadas pelo *podcast* “Medievalíssimo”



Fonte: Produzido pelos autores – Dados coletados em 01/05/2025

Gráfico 4 – Levantamento de temáticas abordadas pelo *podcast* “Estudos Medievais”



Fonte: Produzido pelos autores - Dados coletados em 01/05/2025

Outra questão pertinente é o papel ou a ligação ao contexto de guerras pela comunidade feminina. Tanto o *podcast* “Medievalíssimo”, quanto os “Estudos Medievais” abordam as mulheres guerreiras em suas neomedievalidades. No episódio 01 da série Perfil, o *podcast* “Estudos Medievais” aborda personalidades históricas, no caso em específico, a guerreira e santa francesa Joana d’Arc. Nesta oportunidade, a convidada professora Flávia Amaral, da Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri, comenta com a entrevistadora Isabela Alves sobre o crescente uso da figura de Joana d’Arc para enfatizar o discurso anti-comunista e o movimento islamofóbico no território europeu (Estudos Medievais, 2021). No episódio “Drops: As Valquírias”, Rosa aborda estas mulheres ligadas a cultura nórdica-germânica que desempenhavam um papel fundamental: escolhiam quem iria para Valhalla, o lugar almejado no além-vida, sendo os escolhidos apenas aqueles que morressem em campo de batalha e de forma honrada (Medievalíssimo, 2021).

As relações estabelecidas ao período medieval podem ser justificadas pelos próprios sentidos aderidos ao contexto histórico. O *podcast* “História FM” em um de seus primeiros episódios intitulado “Idade Média: o que você aprendeu errado?” recebeu os convidados Rodrigo Prates e Aline da Silveira ligados a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para discutirem sobre os entendimentos e acontecimentos acerca do período medieval. Um destes entendimentos durante muito tempo foi atrelado ao conceito de “Idade das Trevas” pelo fato da Idade Média ter sido criada por outros períodos, mais especificamente, na modernidade e durante a Revolução Francesa. Por isso, comenta os historiadores, era sinônimo de violência do absolutismo e este foi agregado pelos republicanos no anseio de demonstrar hostilidade ao regime antecessor e a quem estava a ele atrelado, entre eles a Igreja Católica (História FM, 2019).

Ainda no episódio, Prates e Silveira defendem a proposta transcultural na perspectiva de compreender a experiência do tempo da humanidade como um fator que contribui para o fortalecimento da própria consciência do ser. E mais, ao reconhecermos estas experiências, conseguimos identificar os usos e as apropriações indevidas do passado no tempo presente (História FM, 2019). Por falta deste reconhecimento, ou quando ele ocorre é tracejado por contornos violentos, a Idade Média tem sido alvo

destas apropriações para fortalecer discursos contra a esquerda e os islâmicos. Assim como apontou a professora Flávia anteriormente, os medievalistas identificaram o fortalecimento do discurso islamofóbicos no Brasil porque ainda não reconhecemos nossa experiência humana e nos enquadrarmos em padrões da cultura ocidental – branca e europeia. Isso se fortalece quando a direita e seus extremos se opõem a vinda dos refugiados e utilizam de artifício político contra a esquerda desenhando contornos sobre o movimento como aqueles que desejam acabar com a estrutura da família– branca, heteronormativa e cristã (História FM, 2019).

Além de valorizar o trabalho de pesquisadoras femininas que estão estudando as questões de gênero no medievo, ao abordar questões pertinentes ao período em sala de aula, a comunidade de professores coadunará da recente proposta de Lei de nº 14.986/2024, publicada no dia 26 de setembro de 2024, no Diário Oficial da União. Acrescentada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB — Lei 9.394, de 1996), torna obrigatório a partir do ano de 2025, a abordagem das perspectivas femininas, no Brasil e no mundo, nos currículos de ensinos fundamental e médio (Agência do Senado, 2024). A conquista desta obrigatoriedade demonstra a necessidade de se discutir a temática no ambiente escolar e, para isso, é preciso dispor de materiais adequados evitando reducionismos ou visões tendenciosas sobre o assunto. A próxima seção será destinada a esboçar uma proposta de abordagem sobre a temática neomedieval nas aulas de História que culminará na produção de um episódio de *podcast* pelos estudantes.

HORA DO PLAY: OS ESTUDANTES COMO PRODUTORES

Os *podcasts*, como analisamos nas seções anteriores, podem ser potentes ferramentas tanto de pesquisa, ao se tornarem objetos de análise, quanto de ensino, ao ingressarem nos ambientes de aprendizagem nas suas mais diversas modalidades, inclusive na Educação Básica. Pensando no contexto específico das escolas, desenvolveremos a seguir uma proposta de abordagem voltada para professores de História utilizarem com suas turmas, preferencialmente no 6º ano. Nosso recorte e sua aplicação está pautado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Importante salientar que os documentos selecionados como um caminho para a abordagem de nossa proposta são estrutural e objetivamente diferentes. Além disso, possuem uma historicidade própria que serão abordados aqui. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é uma normativa que trata dos sentidos e da educação nacional nos diversos níveis, da Educação Infantil até o Ensino Superior. Estabelecida em 1996, passou por diversas alterações diante de novas demandas sociais e educacionais, tal como a inserção da cultura digital no ambiente escolar. Recentemente no ano de 2023, a Legislação instituiu um novo eixo, da Educação Digital Escolar e dentre suas estratégias encontramos o desenvolvimento de competências para os estudantes da Educação Básica, entretanto, restritos ainda a perspectiva das ciências exatas.

Apesar da LDB e a BNCC tratarem de questões em âmbito nacional, a Base Nacional se diferencia da primeira em decorrência de oferecer caminhos amplos, amparados por competências e habilidades, de aplicabilidade dos conteúdos de diversas áreas no contexto escolar. Em entrevista ao *podcast* “Estudos Medievais”, a professora Claudia Bovo e o professor Victor Sobreira comentaram sobre a proposta de uma Base Nacional diante das peculiaridades regionais e até locais do extenso território brasileiro. De acordo com Bovo, uma das perguntas que surgiram com a proposta de uma Base Nacional foi sobre sua real necessidade, já que as escolas possuem o Projeto Político Pedagógico, o qual reconhece as singularidades dos temas transversais e demandas específicas dos contextos em que estão inseridas (Bovo; Sobreira, 2023). Como resposta a esse movimento, Sobreira comenta que em São Paulo, onde é professor, muitos de seus colegas utilizam livros e materiais de apoio produzidos antes da implementação da BNCC, ou seja, mesmo sendo divulgada a partir de 2018, ainda hoje, encontra-se em fase de implementação (Bovo; Sobreira, 2023).

No que tange aos temas concernentes a História, ao decorrer das cinco propostas elaboradas entre os anos de 2015 e 2018, Bovo e Sobreira afirmam que o texto teve a colaboração, o diálogo e a discussão de diversas associações de temas da História em sua elaboração. Na primeira versão da Base, Bovo aponta que os coordenadores da primeira equipe abordaram uma proposta de História ligada a noções de identidade e nacionalidade, entretanto, excluiu deste processo africanistas e americanistas, além de

apontar com ares de negatividade os campos da História Antiga e Medieval definidas a partir da perspectiva eurocêntrica:

[...] viés de processos seculares de pensamento de domínio eurocentrado, mas fazia isso colocando a nossa história nacional [...] ao que chamaram de brasilcentrismo [...] adotando condicionantes desta mesma raiz [...] ainda assim existiam hierarquias. [...] e nós medievalistas e antiquistas fomos alçados a condição de algozes na formação na Educação Básica, porque nós seríamos os responsáveis por ensinar uma História eurocentrada ou eurocêntrica [...] e quem ensinava a História do Brasil não era [...] mesmo dividindo [...] um condicionante de temporalização [...] que tá totalmente pautado no exercício de reflexão teórica da História que é eurocêntrico (Bovo; Sobreira; 2023, 1h31m 08s).

No texto vigente, a Base Nacional Comum Curricular de História para o Ensino Fundamental, anos finais (6º a 9º anos), divide o ensino de História em três procedimentos básicos: cronologia de fenômenos ligados a História do Ocidente; o fornecimento de condições necessárias para que os alunos tenham contato e abordem criticamente documentos e, por fim; o reconhecimento de diferentes versões de um mesmo fenômeno (BNCC, 2018, p. 414). Pensando na perspectiva cronológica da História do Ocidente, o texto normativo ainda está pautado na noção de divisões da História Quadripartida francesa, ou seja, História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. Apesar da forte tendência europeia, a comunidade historiadora vem buscando caminhos que superem a visão tendenciosa eurocêntrica, como o ensino de História na perspectiva decolonial, o que contribui para a produção de perspectivas sobre História Cultural e Social desvinculadas do eurocentrismo.

FICHA DE TRABALHO

Nossa proposta de abordagem foi elaborada conforme propõe Isabel Barca em “Aula Oficina: do Projeto à Avaliação”. Em sua publicação a autora afirma que a aula oficina possibilita aos estudantes serem os agentes do seu próprio conhecimento (Barca, 2004, p. 131). Para isso, Barca propõe que o conhecimento seja multifacetado e a avaliação é o produto de um material produzido pelo próprio aluno (Barca, 2004, p. 132). Ao analisarmos as unidades temáticas da BNCC, encontramos “Trabalho e formas de organização social e cultural”, que traz como objeto de conhecimento “O papel desempenhado pela mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval” (História – 6º

ano). Para que os professores desenvolvam este tema a partir de uma perspectiva cultural, social e neomedieval sugerimos que elenque quatro de suas aulas.

1º Momento:

No primeiro contato com o conteúdo é interessante que o(a) professor(a) aponte no quadro funções desempenhadas pelas mulheres na antiguidade e no tempo presente. Sugerimos entre elas:

Rainhas	Costureiras	Guerreiras
Operárias	Escritoras	Estudantes
Cientistas	Artistas	Governantes

Peça que as estudantes, primeiramente as alunas, levantem-se e circulem que aqueles papéis que elas desempenham na escola e em casa, ampliando o leque do questionamento, comentem sobre quais papéis às mulheres de sua vida desempenham. Depois, retomando esta questão para os meninos, questione-os sobre quais são os papéis desempenhados pela comunidade feminina ao seu redor.

1º Momento – Exposição do conteúdo:

Após esta primeira abordagem, sugerimos uma exposição do conteúdo sobre os entendimentos e perspectivas da Idade Média, europeia, africana e chinesa, e os processos de reavivamento da temática com o neomedievalismo.

2º momento – Escolha e exibição da animação:

No segundo momento, sugerimos comentar com os estudantes sobre o objetivo das aulas em produzir uma oficina de *podcast* sobre a temática feminina no universo neomedieval. Pensamos que por serem turmas que estão em processo de transição do quinto para o sexto ano, é preciso oferecer um horizonte de consulta e pesquisa dentro do que eles têm mais contato até o momento, principalmente fábulas, contos e demais produções de animações. Por isso, é interessante que escolham uma dentre estas animações para assistirem, ou outra que sugerirem, e produzirem seu trabalho final: “Cinderela” (1950), “Malévola” (2014) ou “Mulan” (1998). Após fazerem a escolha da produção, assistirem coletivamente acompanhados do guia de análise anexada ([APÊNDICE A – FICHA DE ANÁLISE FÍLMICA](#)).

3º momento - Roteirização:

Nesse momento, é interessante que os professores abordem como os *podcasts* são produzidos, podendo variar de poucos minutos até a horas, e que envolvem um projeto de pesquisa e análise sobre o assunto a ser abordado. Como sugestão, é interessante que os estudantes escutem os episódios “Drops”, do “Medievalíssimo”, para observarem como é produzido um *podcast* de curta-duração, entre 3 até 5 minutos, assim como eles farão. Pontuar também que a produção do *podcast* é o produto final, e antes de obtê-lo, há pesquisas, organização dos dados coletados e a estrutura de construção do episódio também chamada de roteirização.

O roteiro abaixo foi produzido inspirado nas orientações fornecidas pelo professor e *podcaster* Bruno Rosa, na Oficina “Produção de Podcast”, ministrada no ano 2021. Nesta oportunidade, Rosa orientou a produção para uma turma de estudantes de Ensino Superior, por isso, adaptaremos suas sugestões ao contexto da Educação Básica, voltadas para as turmas de sextos anos, entre 11 e 12 anos ([APÊNDICE B – FICHA “UM DIA COMO PODCASTER”](#)). Tanto o apêndice A, quanto o B, estão disponíveis para download através a indexação dos títulos. Sugerimos o seguinte roteiro para produção do *podcast* que poderá ser alterado conforme as demandas da turma ou do próprio docente:

- 1) Definição do filme;
- 2) Tema a ser abordado;
- 3) Formato: entrevista, exposição de conteúdos ou outros;
- 3) Possíveis questões a serem discutidas:
 - O que é a Idade Média?;
 - O que é o neomedievalismo?;
 - Apresentação da animação;
 - Quais elementos destes períodos aparecem na animação?;
 - Como as mulheres são descritas?;
 - De que maneira o filme acaba?;
- 5) Referências e fontes utilizadas.

É interessante que os estudantes escrevam previamente o que irão falar, seja em forma de diálogo ou de perguntas e respostas entre a equipe. Após essa escrita, podem entregar a ficha para a professora ou o professor corrigir, e posteriormente, realizarem a gravação do episódio.

4º momento – Gravação do episódio:

Como são primeiras produções, sugerimos que o processo de produção, edição e divulgação sejam realizados no coletivo, usando de *Datashow* e do computador para decidirem a agrupação de todos os episódios em um só, ou outro formato que assim desejarem. Após as formatações, as produções podem ser amplamente divulgadas e apresentadas pelas equipes para outras turmas da escola. Pensando também na mobilização da turma, sugerimos que a turma como um todo colabore com uma das etapas de produção, a construção da aula ficará a critério do(da) docente. Caso os professores não consigam colocar em prática a gravação do áudio, é interessante disponibilizar o material do roteiro impresso para cada uma das equipes e instigar os estudantes a produzirem uma capa atrativa acompanhada de um nome para o *podcast* e o episódio em que será abordado o tema do universo feminino nas animações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o trabalho de desenvolverem um episódio curto sobre a temática neomedieval com base em animações é uma ferramenta potente que possibilita a aprendizagem a partir de: trabalho em equipe, que exige organização para decidirem o que é o melhor para o coletivo; desenvolvimento da criatividade, ao terem autonomia para criarem a própria capa e outros aspectos do episódio; incentivo à pesquisa, de abordarem diversas fontes para encontrarem as respostas das perguntas que traçaram ou, até mesmo, criarem novas diante das demandas que forem surgindo. Além de incentivar a comunicação, inclusive digital, sobre o tema pesquisado para outros colegas.

No que tange ao conhecimento histórico e ao ensino de História, a partir do momento em que os estudantes produzem seus próprios conteúdos e transformam em um produto, no caso, os *podcasts*, eles podem começar a perceber os acontecimentos do tempo presente que os cercam, principalmente no universo das mídias digitais, e a partir desta percepção estabelecerem conexões com fenômenos do passado. Além disso, essa

abordagem possibilita o reconhecimento dos fenômenos de apropriação de elementos medievais em animações e a reflexão sobre as intenções por trás de seu uso. Seja para atrair a atenção do público por meio de elementos mágicos e fantasiosos, seja para abordar problemáticas ou expressões políticas extremistas do tempo presente, essas representações podem buscar reavivar a imagem do medievo como uma suposta herança de moral, tradição de costumes, valores religiosos e políticos.

Em um breve levantamento que realizamos das experiências e uso dos *podcasts* na Educação Básica, com estudantes do fundamental e nas aulas de História, encontramos resultados e metodologias diversas que demonstram o interesse por utilizar esta tecnologia em sala de aula e, assim como acontece no cotidiano escolar, estão suscetíveis a dar certo ou necessitarem de adaptações conforme o contexto em que estão sendo aplicados. Uma destas experiências foi narrada pelos estudantes do Programa de Iniciação a Docência (PIBID), da UFCAT, que trabalharam com turmas de oitavo ano em 2022, entretanto, a experiência demonstrou demandas e desafios próprias do ensino, como a falta de orientação dos pibidianos com as turmas e questões geracionais, da professora supervisora, pibidianos e estudantes (Nunes; Inoue, 2023, pp. 323-324). Em outra produção, encontramos a monografia da Crislaine Alves que trabalhou com uma turma de 9º ano do interior do estado de Sergipe e demonstrou eficácia dos *podcasts* atrelados a outras tecnologias ao abordar a queda da monarquia no Brasil (Alves, 2023, p. 21).

Nesse sentido, esperamos que nossa produção seja utilizada pela comunidade de professores de História na Educação Básica, tanto para debaterem as apropriações da Idade Média, os neomedievalismos, a temática do universo feminino na Idade Média histórica, quanto como suporte para instigar seus estudantes a pesquisarem em referências produzidas por historiadores e historiadoras experientes na área.⁵

FONTES

Podcasts

⁵Sugerimos ainda como consulta, a proposta de aulas oficina sobre produção de *podcasts* do professor e historiador Raone Souza, especialista na temática. Ver mais: Marques, Thais Pio. Professor desenvolve pesquisa sobre os usos de podcasts em aulas de história. In: *Café História*. Publicado em 18 nov. de 2021. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-uso-de-podcasts-em-sala-de-aula/>. ISSN: 2674-5917. Acesso em: 01/05/2025.

Medievalíssimo #019: Idade Média, Idade das Mulheres: olhares femininos sobre a História Medieval. Entrevistadas: Beatriz Breviglieri; Daniele Gallindo e Hayanne Porto. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 04 mar. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1Zc46NZEfzgUjLZ1K4wLA9?si=5eb551c6f9174589>. Acesso em: 24/09/2024.

Medievalíssimo Drops: As Valquírias. Produtor: Bruno Rosa. *Spotify*, 09 dez.. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5GhKxPH2hV3enPIZsCGqfV?si=A13qf2qMTKCRuTH-xDxsOg>. Acesso em: 24/09/2024.

Estudos Medievais Perfil 01 – Joana d’Arc. Entrevistada: Flávia Amaral. Entrevistadora: Isabela Alves Santos. *Spotify*, 02 ago. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4FM9ALQqZf4Y2iCPqUtxvu?si=db62ecb7f4494ec2>. Acesso em: 24/09/2024.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DO SENADO. Nova lei garante ensino sobre as grandes contribuições de mulheres à humanidade. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/09/26/nova-lei-garante-ensino-sobre-as-grandes-contribicoes-de-mulheres-a-humanidade#:~:text=Os%20curr%C3%ADculos%20dos%20ensinos%20fundamental,vigor%20no%20ano%20que%20vem>. Acesso em: 02/10/2024.

ALENCAR, Angélica Louise. “O Caminho do Guerreiro” no Japão Medieval. *Cadernos de História UFPE*, Pernambuco, v. 5, n. 5, pp. 1-17, jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/cadernosdehistoriaufpe/issue/view/1984>. Acesso em: 30/04/2025.

ALVES, Crislaine Santana de Jesus. *O uso do podcast como recurso pedagógico no ensino-aprendizagem de história na educação básica*. São Cristóvão, 2023. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2023.

Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD). *PodPesquisa 2019 (2019-2020) – Análise e resultados*. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa-2019/>. Acesso em: 13/05/2025.

BARBARIDADES MEDIEVAIS. O casamento em a “Bela Adormecida” (1959). 13 mar. 2021. *Instagram*: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COq_PQXMLi3/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 23/04/2025.

BARBARIDADES MEDIEVAIS. O casamento como alianças em “Valente” (2012). 13 mar. 2021. *Instagram*: @barbaridadesmedievais. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMYIC7WMdin/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 23/04/2025.

BARCA, Isabel. “Aula Oficina: do Projeto à Avaliação”. In. *Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BARROS, José D’Assunção. *História Digital: a historiografia diante de recursos e demandas de um novo tempo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 14/10/2024.

BRASIL. Ministério de Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília, 2018. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14/10/2024.

Estudos Medievais 15: A História Pública. Entrevistado: Felipe Figueiredo. Entrevistador: Eric Cyon. *Spotify*, 06 set. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/23tyU7NyssPE5wZzBsIcY6?si=e283abac54614948>. Acesso em: 24/09/2024.

Estudos Medievais 28 – O Ensino de História Medieval na Educação Básica. Entrevistados: Cláudia Bovo; Victor Sobreira. Entrevistadora: Isabela Alves Santos. *Spotify*, fev. 2022, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7ug1H8hD5jgicmuhtjgQiW>. Acesso em: 24/09/2024.

Estudos Medievais 41: Revisitando a História Pública. Entrevistador: Eric Cyon Rodrigues. Entrevistados: Daniel Gomes de Carvalho; Rafael Verdasca. *Spotify*, 13 jun. 2024, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0KofnOAF2swzg3l72lFE2>. Acesso em: 24/09/2024.

GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel; ALTSCHUL, Nadia R. Em Busca dos Dragões: a Idade Média no Brasil. *Antíteses*, pp. 24-35, 13(26), 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/42304>. Acesso em: 24/09/2024. <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2020v13n26p24>.

HISTÓRIA FM 002: Idade Média: o que você aprendeu errado? Entrevistador: Icles Rodrigues. Entrevistados: Rodrigo Prates de Andrade, Aline Dias da Silveira. Florianópolis. Leitura Obrigatória, 20 mai. 2019. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6im7Ywdvnlq3cIobQhL9Lg>. Acesso em: 01/05/2025.

INOUE, Samantha Harume Figueiredo; VIEIRA NUNES, Radamés. HISTÓRIA, PODCAST E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O USO DE PODCAST NO ENSINO DE HISTÓRIA, EXPERIMENTAÇÕES DO PIBIDHISTÓRIA-UFCAT. *Convergências: estudos em Humanidades Digitais*, [S. l.], v. 1, n. 02, p. 305–328, 2023. DOI: 10.59616/cehd.v1i2.82. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/82>. Acesso em: 01/05/2025.

LIMA, Douglas Mota Xavier de; PICANÇO, Rosiângela Campos. *Guia de tecnologias digitais e ensino de História: podcasts de História* [recurso digital]. 1. ed.–Belém: Rfb Editora, 2020. Disponível em: <https://deposita.ibict.br/bitstream/deposita/270/5/podcasts%20de%20Hist%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 24/09/2024.

Medievalíssimo #028: O que é o LEME? Feat. Eric Cyon e Isabela Alves. Entrevistados: Eric Cyon; Isabela Alves. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 22 jul. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/54gk6U6pDa2R8cVQBvegwc?si=feccfe372cd846e5>. Acesso em: 24/09/2024.

Medievalíssimo #033: O que é o neomedievalismo? Feat. Luiz Guerra. Entrevistado: Luiz Guerra. Entrevistador: Bruno Rosa. *Spotify*, 22 jul. 2021, Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/07EDsug8TRZb1Of4o59hXG?si=d107ed93b3e6410b>. Acesso em: 24/09/2024.

NOIRET, Serge. História Pública Digital | Digital Public History. *Liinc em Revista*, [S. l.], v. 11, n. 1, 2015. DOI: [10.18617/liinc.v11i1.797](https://doi.org/10.18617/liinc.v11i1.797). Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634>. Acesso em: 01/05/2025.

PARKES, Robert; DONNELLY, Debra; SHARP, Heather. “O professor de História como historiador público”. In: *Ensino de História e História Pública: Diálogos*

Nacionais e Internacionais /Bruno Flávio Lontra Fagundes; Sebastián Vargas Álvarez (Orgs).Campo Mourão, PR : Editora Fecilcam, 2022.

SILVA, Wellington Barbosa da. Reinos de Negros na Idade Média: A África Subsaariana no Medievo. *Cadernos de História UFPE*, Pernambuco, v. 5, n. 5, pp. 1-24, jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/cadernosdehistoriaufpe/issue/view/1984>. Acesso em: 30/04/2025.

SOUZA, Raone Ferreira de. *Usos e potencialidades do podcast no ensino de História*.Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2016.

TAIMAN, Augusta Cecília Valle. “Finalidades en conflicto: las finalidades la enseñanza de la historiaa la luz de la ciudadanía activa.*In:Ensino de História e História Pública: Diálogos Nacionais e Internacionais* /Bruno Flávio Lontra Fagundes; Sebastián Vargas Álvarez (Orgs).Campo Mourão, PR : Editora Fecilcam, 2022.

ZHU, Jianjun; LI, Fan; CHEN, Jinyuan. A survey of blockchain, artificial intelligence, and edge computing for Web 3.0. *Computer Science Review*, Ruston, v. 54, pp. 1-28, ago. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cosrev.2024.100667>. Acesso em: 30/04/2025.

APÊNDICE A – FICHA ANÁLISE FÍLMICA



PROFA:
TURMA:

FICHA DE ANÁLISE FÍLMICA

Título: _____

Ano de exibição: _____

Equipe produtora: _____

Papel desempenhado pelas mulheres: () Bruxas () Princesas () Guerreiras () Governantes Como elas terminaram a produção: () Continuaram da mesma forma () Foram mais valorizadas () Morreram () Outro: _____	Descreva com detalhes como esse papel interfere em sua aparência: _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____
---	--

Observações:

APÊNDICE B – FICHA “UM DIA COMO PODCASTER

Um dia como podcaster

Escola: _____
Professor (a): _____

Especificações técnicas:

Título: _____
Produtores(as): _____
Recursos para gravação: _____
Duração: _____
Data: _____
Música tema: _____



Capa do episódio:

Roteiro de produção:

•REC



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 08/01/2025
Aprovado em: 09/06/2025